

UMA ESTRELA EM MINHA VIDA

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 350 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances palpitantes, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita – iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livreria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição

EDITORA EME

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari - SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 99983-2575 📞 | Claro (19) 99317-2800

vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

Lúcia Cominatto

uma
ESTRELA
em minha
VIDA

Capivari-SP
- 2017 -

© 2017 Lúcia Cominatto

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pela autora para a Editora EME, o que propicia a venda dos livros com preços mais acessíveis e a manutenção de campanhas com preços especiais a Clubes do Livro de todo o Brasil.

A Editora EME mantém, ainda, o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição – março/2017 – 3.000 exemplares

CAPA | André Stenico

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO | Marco Melo

REVISÃO | Sônia Cervantes

Ficha catalográfica

Cominatto, Lúcia, 1929-2017

Uma estrela em minha vida / Lúcia Cominatto – 1ª ed. mar.

2017 – Capivari, SP: Editora EME.

176 p.

ISBN 978-85-9544-003-6

1. Romance espírita. 2. Lei de ação e reação. 3. Lei do perdão.
4. Trabalho de cura no centro espírita. I. TÍTULO.

CDD 133.9



SUMÁRIO

Introdução.....	7
Capítulo 1	
Recordações do passado	9
Capítulo 2	
Tempos depois	19
Capítulo 3	
Momento de dor.....	27
Capítulo 4	
Vítima da ambição	35
Capítulo 5	
A revelação.....	43
Capítulo 6	
Estelinha doente	49
Capítulo 7	
Comprometimento com o mal	57
Capítulo 8	
Novamente a liberdade.....	63

Capítulo 9	
Nasce um centro espírita	71
Capítulo 10	
Novos rumos	79
Capítulo 11	
Na nova casa.....	87
Capítulo 12	
O retorno de Rafael.....	91
Capítulo 13	
A verdade descoberta.....	99
Capítulo 14	
Zefa desencarna.....	107
Capítulo 15	
O plano espiritual age	113
Capítulo 16	
Decisão a ser tomada	127
Capítulo 17	
A revelação.....	133
Capítulo 18	
Ataque das trevas.....	143
Capítulo 19	
Estelinha conhece seu pai	149
Capítulo 20	
O sequestro	155
Capítulo 21	
O perdão.....	163
Capítulo 22	
A surpresa	171



INTRODUÇÃO

DESCENDENTE DE ESCRAVOS, JOSEFA, desde criança, sob o amparo de uma família generosa que a criou, conseguiu adquirir hábitos sadios e honestos de religiosidade, para poder amparar e educar seus quatro filhos, após ter ficado viúva.

Mais tarde, graças a um grande amigo, tornou-se espírita, e sua tarefa no espiritismo se iniciou com o hábito do evangelho no lar. E dali, muitas coisas aconteceram, até tornar-se fundadora de um grande centro espírita.

No desenrolar da história, diversos temas foram abordados, como preconceito, aborto, obsessão, reencarnação, bom e mau uso da mediunidade, ódio, amor e perdão, além de outros, que trazem o intuito de esclarecer os leitores sobre os caminhos que nos conduzem a Deus.

Mas, foi a neta Estelinha, rejeitada pelo pai antes mesmo de nascer, que se tornou uma estrelinha a iluminar a vida das pessoas com quem convivia.

Um livro simples, à altura dos que buscam algum aprendizado sobre o funcionamento de muitos dos centros espíritas que se inspiram nos ensinamentos de Jesus e nas obras de Kardec, mostrando que é possível, mesmo partindo do nada, muito se fazer em benefício do próximo.

Com votos de muita luz e paz,

Lúcia Cominatto

São Paulo, 9 de novembro de 2015.



RECORDAÇÕES DO PASSADO

SENTADA NUMA CADEIRA DE balanço, tendo em seus braços a neta recém-nascida, Josefa a embala com uma canção de ninar. Lá fora, o vento zunindo, a leva a se recordar de um passado que já se fazia distante.

Embora descendente de escravos, Zefa, como era conhecida, foi amparada por uma generosa família que lhe proporcionou melhores condições de vida, até conseguir constituir a própria família, em lugar da que perdeu por conta da crueldade de alguns homens que assassinaram seus pais e um irmão, para lhes usurparem os poucos bens que conseguiram amealhar, lavrando um pequeno pedaço de terra que herdaram de um antepassado livre da escravidão.

Os anos foram passando, Zefa cresceu, tornou-se adulta e, mesmo sendo encarregada dos afazeres do-

mésticos na casa-grande da fazenda onde fora acolhida, era muito querida por todos, que a consideravam como se daquela família fosse.

Agora, já meio idosa, recordando os tempos que passaram, Zefa reconhece que foram relativamente felizes.

Naquele vai e vem da cadeira, ao ritmo da cantiga sussurrada, a criança logo adormece. Enquanto isso, Zefa sonha acordada ao lembrar os tempos em que fizera o mesmo com os filhos que Deus lhe proporcionou num passado que já se fazia um tanto longínquo: Cleusa, Clóvis, Clotilde e Clélia.

Cleusa, a primogênita, era agora a mãe de Estelinha, a criança que Zefa acalentava com tanto amor!

Nessas recordações vem à tona o marido Pedro, o Pedrão, como todos o chamavam, pelo seu tamanho avantajado, porém, já desencarnado há mais de dez anos, vítima das consequências de uma picada de cobra. A perda do marido fora muito dolorosa para Zefa.

Naquele momento de recordações, Zefa viu-se vestida de noiva, entrando na capelinha de outra fazenda onde Pedrão trabalhava e que passaram a residir após o casamento, embora um pouco distante daquela onde, anteriormente, ela morava. Pedrão era o responsável pelos cuidados com os cavalos do patrão José Severino. Foi nessa fazenda que nasceram os quatro filhos do casal.

Cleusa, a primogênita, era uma criança meiga, mas um tanto atrasada em seu desenvolvimento físico. Depois, veio Clóvis, o “cabra macho”, como dizia Pedrão, já sonhando em tê-lo como ajudante nos trabalhos que realizava na fazenda.

Quando nasceu Clotilde, muito chorona, Zefa achou que ia lhe dar muito trabalho, mas que seria recompensado pelo imenso amor que lhe dedicaria para poder acalmá-la.

Porém, com o nascimento de Clélia, as dificuldades se multiplicaram, pois ela nasceu com uma séria deficiência nos olhos, praticamente cega.

Mas os anos foram passando, e as lutas minando-lhe as forças. Porém, a fé numa força maior provinda de Deus haveria de recompensá-la pelos esforços que fazia em cuidar e proporcionar aos filhos uma vida que, embora simples, seria gratificante pelo grande amor que nutria por todos eles. Muito religiosa e devota de Nossa Senhora, Zefa recorria a ela nos momentos mais difíceis, para que as forças não lhe faltassem a fim de conduzir todos os filhos pelos caminhos do bem.

Lembrou-se, também, de Pedrão na sua labuta diária, quando foi picado por uma cobra venenosa que surgiu sem que se soubesse de onde e que, naquele momento, quase lhe tirou a vida, mas que resultou numa ferida purulenta na perna, impossibilitando-o

de trabalhar. Com isso, aumentaram as dificuldades da família.

Nessa época, como Clóvis já era um jovem forte e bem desenvolvido, precisou substituir o pai no trabalho, por algum tempo. Alguma noção já havia adquirido por auxiliar Pedrão, desde menino, neste ou naquele serviço mais simples. Mas, pela falta de experiência, seu trabalho não lhe proporcionava o suficiente para sustentar a família. Assim, para cobrir as necessidades, Zefa passou a lavar as roupas da família do patrão, que lhe pagava uma quantia irrisória. Foi Cleusa quem ficou encarregada de ir buscar as roupas sujas no casarão da fazenda para a mãe lavar e, depois, levá-las de volta já passadas com um rústico ferro a brasa que, sem o cuidado necessário, poderia queimá-las com alguma fagulha das brasas do carvão.

Enquanto Zefa se dedicava a mais essa exaustiva tarefa, coube a Clotilde, cuidar de Clélia que, por ser deficiente visual, necessitava de maior atenção. Mas a chorona Clotilde ficava sempre a reclamar da obrigação que lhe fora dada a cumprir, pois lhe faltava paciência para cuidar da irmãzinha.

E assim, a família foi cumprindo o que a programação cármica exigia de cada um, para que pudessem crescer interiormente. Zefa, porém, sempre resignada, sabia reconhecer que a vontade de Deus deveria ser

cumprida sem queixas, e com muita aceitação. Ela, porém, não se recordava de que essa prova difícil havia sido escolhida por ela mesma, a fim de que pudesse elevar-se ainda mais na escala de evolução espiritual, pois, com todos eles, não apenas tinha algumas dívidas a serem resgatadas, mas, principalmente, o dever de encaminhá-los a um crescimento interior. Entretanto, a tudo aceitava com resignação e fé.

Os anos continuaram a passar, enquanto os filhos foram crescendo sem condições de se aperfeiçoarem nos estudos, para que pudessem ter uma vida melhor. Só com muito esforço conseguiram terminar o antigo curso primário na escolinha de uma fazenda vizinha, porque o patrão José Severino não se preocupava em dar estudos para ninguém. Dizia, mesmo, que preferia tê-los ignorantes, para que não viessem a reivindicar direitos exigidos por Lei.

Em meio a esse tempo, a perna de Pedrão acabou gangrenando, precisando ser amputada. Assim, aleijado, nada mais de produtivo conseguia fazer. Muito desanimado, não mais saiu da cama, até desencarnar. E, com isso, foram anos e anos de muito sofrimento para todos.

Os filhos, já adultos, e Zefa, com os cabelos precocemente embranquecidos, fisicamente já não era a mesma. Doíam-lhe as costas por conta do tempo em que

permanecia lavando roupas, o que não lhe permitia realizar outras atividades que pudessem aumentar a renda familiar e proporcionar aos filhos uma vida mais confortável. A caridade dos patrões jamais esperava, ao contrário, era explorada por eles.

As mulheres, com exceção de Clélia, foram, então, encaminhadas para trabalhar na cidade em casas de família, como empregadas domésticas, numa época em que essa profissão era muito desvalorizada.

Clóvis era o único que podia assumir a manutenção daquele lar, no lugar do pai. Mas, cansado dessa vida de privações que levava, e sem muita habilidade para cuidar dos cavalos, cansou-se dessa vida na fazenda, e decidiu também ir para a cidade atrás de outro trabalho, como suas irmãs.

Despedindo-se da mãe, logo partiu em busca de algum serviço.

- Prometo-lhe, minha mãe, que assim que eu conseguir arrumar um bom emprego voltarei para buscá-la com a minha irmãzinha.

Chegando à cidade, pela sua boa aparência e educação, não lhe foi difícil conseguir um emprego razoável, como operário numa fábrica de equipamentos agrícolas.

Para Zefa tornou-se muito difícil ficar só, em companhia da filha caçula Clélia, principalmente pela pressão que o patrão exercia sobre elas para deixarem

a casa e, assim, em breve tempo, decidiu que também iriam para a cidade morar com os filhos, que já haviam conseguido alugar uma casa, embora bastante modesta. Com os filhos trabalhando, foi possível ter uma vida mais amena, sem tantas dificuldades.

Passados alguns meses, porém, Zefa, já se sentindo cansada e precocemente envelhecida, precisou pedir a Cleusa para sair do emprego a fim de ajudá-la nos afazeres domésticos e a cuidar da irmã deficiente.

Ali na cidade, Cleusa, nas poucas vezes que saía, acabou conhecendo um rapaz, do qual logo se enamorou. Ingênua e inexperiente, com um rapaz da cidade que lhe fazia juras de amor, acabou não resistindo aos encantos da paixão e entregou-se a ele, por algumas vezes, até descobrir que estava grávida.

Logo procurou pelo rapaz, na certeza de que iriam se casar. Porém, quando Cleusa lhe falou do acontecido, inventou uma desculpa qualquer e desapareceu, sem jamais dar notícias.

Chorando muito, procurou a mãe a fim de lhe revelar o erro cometido, e Zefa logo lhe perguntou com certa preocupação:

- Que aconteceu, minha filha? Por que está chorando assim?

- Ah, mãezinha, me perdoe! Bem que a senhora me avisou para ter cuidado com esses rapazes da cidade.

Já desconfiando que algo grave devia estar acontecendo, com doçura na voz Zefa mostrou-se compreensiva ao dizer:

- Fale, minha filha, não esconda nada de sua mãe. Estou aqui para ouvir e não para censurar. Abra o seu coração e me conte o que aconteceu.

Envergonhada, Cleusa revelou a sua história com o rapaz, que a abandonou ao saber que estava grávida.

- E agora, mamãe, o que vai ser de mim?

Zefa, penalizada, envolveu-a num abraço carinhoso, demonstrando que não só a perdoava, como prometeu auxiliá-la na criação daquela criança que haveria de ser muito amada.

Entretanto, ao saber da gravidez da irmã, Clóvis, enraivecido, perguntou o nome do rapaz que a engravidou e prometeu que o faria se casar a qualquer custo ou, pelo menos, que assumisse a criança, porque não queria ter um sobrinho sem pai.

Mas o nome que o rapaz havia dado quando conheceu Cleusa era falso e, assim, por mais que perguntasse se alguém o conhecia, ninguém sabia informar.

Cheio de raiva, passou a criticar a irmã e chegou mesmo a sugerir que ela praticasse o aborto, o que foi veementemente rejeitado por Zefa:

- Jamais pensem em tomar tal atitude! É um ser humano em formação e, se Deus permitiu que isso acon-

tecesse, vamos amar e abençoar essa criança que devemos deixar nascer.

Foi assim que, passado esse clima de tensão, meses depois vamos encontrar Zefa a embalar a netinha recém-nascida, que foi chamada de Estela, a Estelinha, que haveria de ser qual uma estrelinha a inundar de luz e de alegria aquele lar que ainda sofria tanto com a falta do pai de seus filhos.